

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O pombo-correio das pensões: quando «não há alternativa» substitui a governação

Publicado em 2026-08-25 11:56:00



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pensoes: quando «não há alternativa» substitui a governação

*O envelhecimento português é real. A surpresa é
fingir que só agora o descobrimos e apresentar
escolhas políticas como fatalidades técnicas.*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

regressam ciclicamente à discussão das pensões com uma conclusão já pronta: «não há alternativa». A frase tem uma propriedade política extraordinária. Transforma opções em fatalidades, escolhas distributivas em necessidades técnicas e, quase sempre, prepara os mesmos cidadãos para suportarem o ajustamento. Resta uma pergunta inconveniente: será que só ontem descobrimos que Portugal iria envelhecer e que os portugueses viveriam mais anos, ou chegou finalmente um pombo-correio do além com uma informação que as estatísticas públicas repetem há décadas?

O envelhecimento da população portuguesa é um problema real. Negá-lo seria tão pouco sério como utilizar esse envelhecimento para justificar qualquer medida que um Governo pretenda adoptar. Uma sociedade com menos trabalhadores por pensionista, baixa natalidade e esperança de vida crescente tem inevitavelmente de discutir como financiar pensões adequadas durante períodos de reforma mais longos.

Mas reconhecer o problema não obriga a aceitar uma conclusão predeterminada. Entre o diagnóstico e a decisão



O envelhecimento não chegou ontem

Em 2019, a OCDE publicou uma revisão detalhada do sistema português de pensões. O relatório não descobriu uma subtileza demográfica escondida num arquivo secreto. Declarou claramente que Portugal estava a envelhecer rapidamente e que a redução prevista da população em idade activa até 2050 estaria entre as maiores da OCDE.

No mesmo trabalho, a organização projectava que o número de pessoas entre os 20 e os 64 anos poderia diminuir cerca de 26% entre 2015 e 2045. A relação entre população idosa e população em idade activa já vinha a deteriorar-se havia décadas. Portanto, qualquer Governo que tenha governado Portugal neste período dispôs de informação suficiente para perceber a direcção da curva.

É exactamente para isto que servem instituições de planeamento, institutos de estatística, ministérios, organismos internacionais e administrações públicas permanentes. Governar não consiste apenas em responder

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma projecção demográfica conhecida há décadas não pode transformar-se subitamente numa emergência imprevisível apenas quando chega o momento de apresentar a factura aos cidadãos.

A matemática descreve o problema; não escolhe quem paga

Há uma confusão recorrente entre inevitabilidade matemática e decisão política. Se as contribuições de um sistema forem insuficientes para suportar as prestações prometidas, a aritmética identifica um desequilíbrio. Mas a aritmética não determina como o corrigir.

Pode actuar-se sobre receitas, contribuições, emprego, salários, produtividade, imigração, idade efectiva de saída do mercado de trabalho, regras de reforma antecipada, fiscalidade, transferências do Orçamento do Estado, fundos de reserva, pensões complementares, incentivos à

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

diferente de afirmar que existe apenas uma solução possível.

A própria experiência internacional demonstra esta diversidade. A OCDE, no *Pensions at a Glance 2025*, regista países que aumentaram idades de reforma, outros que aumentaram contribuições, outros que alteraram benefícios e vários que facilitaram a combinação entre trabalho e pensão. Não existe uma fórmula única inscrita nas tábuas da Segurança Social.

O que existe é um problema de optimização social: garantir sustentabilidade financeira sem transformar a velhice numa punição económica, distribuindo os ajustamentos de forma proporcional e previsível.

Os próprios números desmentem a narrativa da catástrofe linear

O *OECD Economic Survey: Portugal 2026* projecta a despesa pública bruta com pensões em cerca de 12,8% do PIB em 2025, subindo para aproximadamente 15,1% em 2045 e descendo depois para cerca de 11,8% em 2060. Isto não elimina o problema. Pelo contrário, identifica um

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Comissão Europeia, através do *2024 Ageing Report*, trabalha igualmente com projecções de longo prazo até 2070. As trajectórias dependem de pressupostos sobre emprego, produtividade, esperança de vida, migrações, salários e evolução da população. É assim que deve ser tratado um sistema complexo: por cenários e sensibilidades, não por slogans.

O FMI, na consulta de 2026 a Portugal, estima no cenário-base que o défice anual do sistema de pensões possa atingir um máximo de cerca de 0,6% do PIB em 2046 e diminuir posteriormente, com regresso a excedente em meados da década de 2050. O mesmo relatório chama expressamente a atenção para a sensibilidade das projecções a trajectórias menos favoráveis de produtividade ou imigração.

Isto é importante. Se produtividade, emprego e imigração alteram materialmente os resultados, então a sustentabilidade das pensões não depende apenas da idade dos reformados. Depende também da qualidade da economia que construímos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

envelhecimento português e para uma das maiores reduções da população em idade activa entre os países da organização.

- Na projecção citada pela OCDE em 2019, a população portuguesa dos 20 aos 64 anos diminuiria cerca de 26% entre 2015 e 2045.
- A OCDE projecta a despesa pública bruta com pensões em 12,8% do PIB em 2025, 15,1% em 2045 e 11,8% em 2060.
- O FMI projecta, no cenário-base de 2026, um défice anual máximo do sistema de cerca de 0,6% do PIB em 2046, seguido de melhoria posterior.
- As projecções variam com produtividade, imigração, emprego, salários, longevidade e outras hipóteses macroeconómicas; não são profecias imutáveis.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando alguém afirma que «é necessário cortar pensões», está a apresentar uma escolha distributiva como se fosse uma consequência automática de uma equação. A equação pode dizer quanto falta. Não diz quem deve pagar.

Um euro adicional pode ser obtido por menor despesa, maior contribuição, receita fiscal, melhor retorno de um fundo, mais emprego, salários mais elevados ou crescimento económico. Cada alternativa tem efeitos diferentes sobre gerações, rendimentos e grupos sociais. Decidir entre elas é política no sentido mais nobre da palavra.

Isto torna particularmente delicados os cortes cegos sobre pessoas que organizaram quarenta ou cinquenta anos de vida profissional segundo regras estabelecidas pelo próprio Estado. Um reformado de 75 ou 80 anos tem pouca ou nenhuma capacidade de regressar ao mercado de trabalho para compensar uma alteração súbita do rendimento. A sua margem de adaptação é incomparavelmente menor do que a de alguém que ainda tem vinte anos de carreira pela frente.

Daí que qualquer reforma séria deva respeitar princípios elementares: previsibilidade, transições suficientemente longas, protecção dos rendimentos mais



Sustentabilidade sem adequação pode produzir pobreza sustentável

Existe ainda outro truque conceptual. Um sistema de pensões pode tornar-se financeiramente sustentável reduzindo progressivamente o valor relativo das pensões. A contabilidade melhora. A vida das pessoas pode piorar.

O próprio relatório da OCDE de 2026 assinala que a despesa deverá cair depois do pico das décadas de 2040 e 2050, em parte porque a pensão média diminuirá relativamente aos salários. Este elemento deveria impedir triunfalismos: sustentabilidade financeira e adequação social não são sinónimos.

Uma reforma bem desenhada tem de responder simultaneamente a duas perguntas: conseguiremos pagar as pensões futuras e serão essas pensões suficientes para uma vida digna?

Resolver apenas a primeira através da compressão continuada das prestações seria uma vitória contabilística



«Não há alternativa» é uma frase politicamente conveniente

A expressão tornou-se célebre porque elimina simbolicamente a própria política. Se não há alternativa, não é necessário comparar opções. Se não há alternativa, deixa de fazer sentido perguntar quem ganha ou perde. Se não há alternativa, qualquer contestação pode ser apresentada como ignorância, populismo ou irresponsabilidade.

Mas em problemas complexos há quase sempre alternativas. Pode acontecer que nenhuma seja indolor. Pode acontecer que todas impliquem sacrifícios. Pode até acontecer que, depois de comparadas dez soluções, uma seja claramente superior às restantes. Nesse caso, um Governo democrático deve demonstrá-lo.

Deve publicar pressupostos, apresentar cenários, quantificar efeitos, explicar incertezas e revelar a distribuição dos custos. Deve dizer por que razão rejeita as outras opções. E deve permitir que universidades, sindicatos, associações empresariais, pensionistas,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

«Estudámos várias alternativas e esta é a menos injusta» é uma decisão política explicada. «Não há alternativa» é uma decisão política disfarçada de inevitabilidade.

Uma democracia madura mostra as opções antes de pedir sacrifícios

A democracia representativa dá aos governos legitimidade para decidir. Não lhes concede omniscência nem transforma programas políticos em leis naturais.

Quanto maior for o impacto de uma reforma sobre milhões de pessoas e quanto mais irreversíveis forem as suas consequências, maior deve ser a exigência de transparência. Uma reforma das pensões não é uma alteração de trânsito numa rua municipal. Muda expectativas de vida, decisões de poupança, trajectórias familiares e condições materiais na velhice.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

referendo permanente, mas para melhorar a qualidade da decisão e reconstruir confiança.

A confiança institucional não nasce do argumento «somos eleitos, portanto sabemos». Nasce da capacidade de mostrar como se chegou à decisão.

Quando governos e especialistas transformam escolhas discutíveis em verdades inevitáveis, alimentam precisamente aquilo que depois dizem lamentar: desconfiança, populismo, ressentimento e desautorização das instituições.

Cinco perguntas antes de qualquer reforma

Antes de aceitar cortes, alterações de cálculo ou novas idades de reforma, os cidadãos deveriam exigir respostas públicas a cinco perguntas simples.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

previsto, em que anos ocorre e qual é a margem de incerteza?

- Que hipóteses foram usadas para produtividade, emprego, salários, imigração, natalidade e esperança de vida?
- Que alternativas foram modelizadas e qual é o impacto financeiro de cada uma?
- Quem suporta o custo em cada cenário: pensionistas, trabalhadores, empresas, contribuintes ou Estado?
- Qual é o efeito de cada opção sobre pobreza, desigualdade e adequação dos rendimentos na velhice?

Se estas perguntas não têm resposta, não existe ainda uma reforma. Existe apenas uma intenção política à procura de justificação.

Governar é antecipar

Portugal não precisa de negar o envelhecimento. Precisa de deixar de o utilizar como desculpa tardia.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

imigração podem alterar o percurso. Sabemos que existem fundos de reserva, mecanismos automáticos e instrumentos fiscais. E sabemos, sobretudo, que as decisões tomadas hoje podem reduzir o custo das decisões de amanhã.

Os governos existem exactamente para isso. Não apenas para administrar o presente, mas para preparar o futuro com base em informação que já possuímos.

Se uma sociedade consegue projectar a sua população até 2070, mas só começa a agir quando o problema já está sentado à mesa, a falha não está na demografia.

Está na governação.

Governar depois de a curva demográfica chegar e anunciar que os cidadãos terão de pagar porque «não há alternativa» não é gestão do inevitável. É administração do atraso.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Esta crónica não nega o desafio financeiro criado pelo envelhecimento demográfico, nem sustenta que todas as alternativas de reforma tenham custos equivalentes ou sejam igualmente desejáveis. As projecções de longo prazo apontam para pressões significativas sobre o sistema português nas próximas décadas.

A posição editorial defendida é outra: uma projecção demográfica conhecida antecipadamente não deve ser apresentada como uma surpresa, e uma necessidade de ajustamento financeiro não determina, por si só, quem deve suportar esse ajustamento. Essa distribuição resulta de escolhas políticas e deve ser discutida como tal.

Projecções para 2040, 2050 ou 2070 dependem de hipóteses sobre produtividade, emprego, migração, salários, longevidade e comportamento económico. Devem ser interpretadas como cenários condicionais e não como previsões infalíveis.

Qualquer reforma que afecte direitos ou expectativas construídas durante décadas deveria apresentar publicamente alternativas, impactos



Referências credíveis

- OECD — OECD Reviews of Pension Systems: Portugal (2019)
- OECD — OECD Economic Surveys: Portugal 2026
- OECD — Pensions at a Glance 2025: Recent pension reforms
- European Commission — 2024 Ageing Report: Economic and Budgetary Projections for the EU Member States (2022–2070)
- International Monetary Fund — Portugal: 2026 Article IV Consultation, Staff Report

Francisco António dos Santos Gonçalves

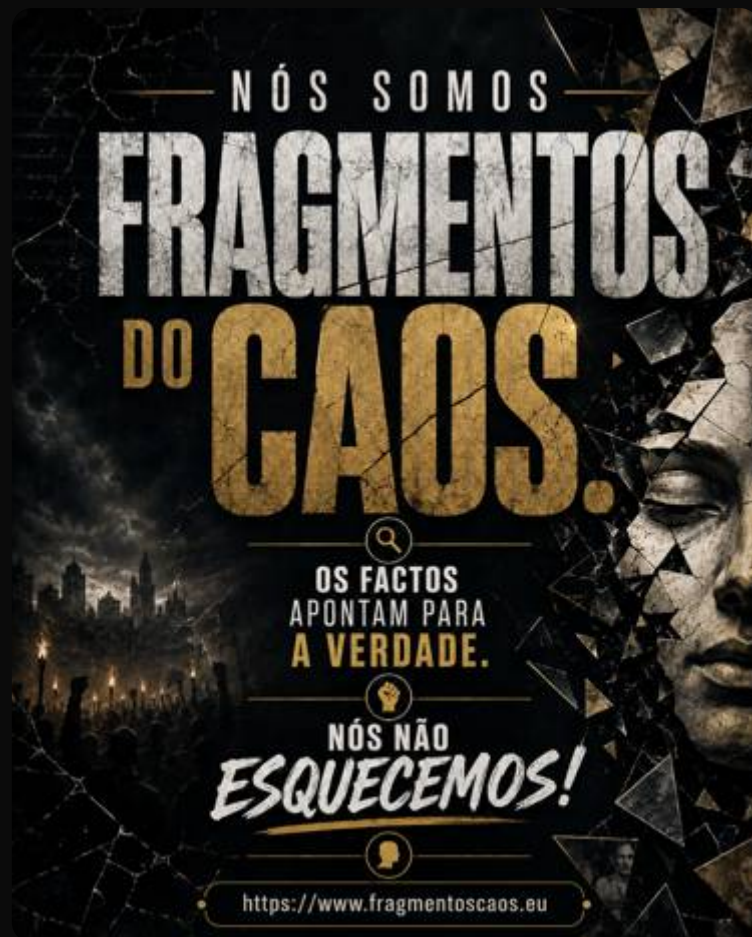
Fragmentos do Caos

FC-Chronic-News

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)